



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Prévias do PIB devem reforçar bom crescimento da economia no 1º trimestre

A agenda de indicadores da semana traz as prévias mensais do PIB referentes a março, que devem confirmar um bom crescimento da economia no 1º trimestre. Hoje cedo, o Banco Central divulgou o índice IBC-Br de atividade econômica, que caiu 0,70% no mês, abaixo das estimativas (-0,4%). A queda foi disseminada entre os setores, mas de maior intensidade no setor de serviços (-0,8%). Ainda assim, o índice acumulou expansão de 1,3% no 1º trimestre, após alta de 0,4% no 4T25, em função dos bons números registrados em janeiro (+0,8%) e fevereiro (+0,9%). Amanhã (19), a FGV publica o Monitor do PIB, que também deve indicar um bom avanço da atividade no trimestre, com sinalização de retomada do consumo das famílias. No geral, os principais indicadores de atividade vieram positivos no período, beneficiados pela colheita da safra da soja (concentrada no trimestre) e pelo avanço da renda das famílias, tanto pela dinâmica ainda positiva do mercado de trabalho como pela isenção do IR para as menores faixas de renda. O resultado oficial do PIB do primeiro trimestre será divulgado pelo IBGE na semana que vem, no dia 29 de maio.

No âmbito da inflação, a FGV divulgou nesta manhã o índice IGP-10 de maio, que subiu 0,89% no período, captando novas pressões no atacado (IPA). De toda forma, o índice subiu menos do que o esperado (+1,11%). A alta do IPA foi influenciada principalmente pelo avanço dos preços de itens industriais intensivos em insumos da cadeia petroquímica, como embalagens plásticas (+39,3%) e o querosene de avião (+51,7%), sugerindo novas pressões adicionais sobre a inflação ao consumidor à frente. No acumulado em 12 meses, o IGP-10 acelerou de 0,56% para 1,46%.

No campo fiscal, o governo divulga na sexta (22) o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas do 2º bimestre. Os agentes estarão atentos à revisão das estimativas de receitas, favorecidas pelo aumento do preço do petróleo, ainda que parcialmente compensadas pelas medidas já adotadas para mitigar seus efeitos sobre os consumidores, como a subvenção à gasolina, divulgada na última semana. Esse cenário deve evitar a necessidade de um contingenciamento de recursos para o cumprimento da meta fiscal. Contudo, uma provável revisão para cima das despesas obrigatórias (especialmente previdência e BPC) deve levar à ampliação do bloqueio de despesas discricionárias, estipulada em R\$ 1,6 bilhão na primeira avaliação.

Na agenda internacional, a semana traz as leituras preliminares dos PMIs de maio nos EUA e na Zona do Euro. Os dados devem permitir aos agentes avaliar o ritmo de atividade nessas economias, em um contexto em que a guerra no Oriente Médio se aproxima de três meses de duração e seus efeitos se tornam mais evidentes. Nos EUA, os índices de manufatura e serviços devem seguir apontando crescimento, mas com alguma moderação, enquanto na Zona do Euro a atividade tende a apresentar enfraquecimento adicional, refletindo o aumento do custo da energia. Os dados de ambas as economias serão divulgados na quinta-feira (21).

Entre os demais destaques, a semana também conta com a ata da última reunião do Fed, nos EUA, e a leitura final do CPI de abril na Zona do Euro, ambos na quarta-feira (20). A ata referente à reunião de 28 e 29 de abril será importante para o mercado entender a avaliação do Comitê sobre os efeitos do choque do petróleo na inflação, especialmente diante da dissidência de três dirigentes em relação ao último comunicado, que manteve o viés de flexibilização monetária. Já na Zona do Euro, o CPI deve subir 1,0% no mês, pressionado pelos itens de energia, levando a inflação a acelerar para 3,0% em 12 meses (ante 2,6%) e intensificando o debate sobre a possibilidade de o BCE retomar o ciclo de alta de juros.

Na China, foram divulgados ontem (17) à noite os dados de atividade referentes ao mês de abril, que decepcionaram. A produção industrial registrou crescimento de 4,1% (ante abr/25), menor taxa de expansão do setor desde julho de 2023. Já as vendas no varejo ficaram praticamente estagnadas, com alta de apenas 0,2% na mesma base de comparação, representando o menor nível de crescimento desde dezembro de 2022. Os números sugerem que a atividade chinesa começa a enfraquecer com os efeitos negativos da guerra.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
18/mai	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Mar/26	-0,40% m/m 3,00% a/a	0,6% m/m -0,3% a/a
18/mai	FGV: IGP-10	Mai/26	1,11% m/m 1,68% a/a	2,94% m/m 0,56% a/a
19/mai	FGV: Monitor do PIB	Mar/26	-	0,6% m/m 0,3% a/a
21/mai	Reunião do CMN	-	-	-
21/mai	BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	Mar/26	-	-
22/mai	Relatório bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas do Governo	2º bim/26	-	-

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/mai	China	Produção Industrial	Abr/26	6,0% a/a	5,7% a/a
17/mai	China	Vendas no varejo	Abr/26	2,0% a/a	1,7% a/a
19/mai	China	Taxas Prime: 1 ano e 5 anos	Mai/26	3,0% aa / 3,5% aa	3,00% aa / 3,50% aa
19/mai	EUA	Vendas de casas pendentes	Abr/26	1,0% m/m	1,5% m/m
20/mai	Zona do Euro	Inflação do Consumidor (CPI)	Abr/26 - final	1,0% m/m 3,0% a/a	1,3% m/m 2,6% a/a
20/mai	EUA	Fed: Ata da última reunião	-	-	-
21/mai	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Mai/26 - prévia	-20,6 pts	-20,6 pts
21/mai	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Mai/26 - prévia	51,8 pts / 47,8 pts	52,2 pts / 47,6 pts
21/mai	EUA	Construção de novas casas	Abr/26	-5,3% m/m	10,8% m/m
21/mai	EUA	Alvarás para novas construções	Abr/26 - prévia	2,2% m/m	-11,4% m/m
21/mai	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Mai/26 - prévia	53,8 pts / 51,0 pts	54,5 pts / 51,0 pts
22/mai	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Mai/26 - final	48,2 pts	49,8 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Inflação volta a avançar em abril, enquanto atividade traz números mistos em março

O IPCA subiu 0,67% em abril, em linha com o esperado pelo consenso de mercado e a maior alta para um mês de abril desde 2022 (+1,06%). O resultado segue refletindo os impactos da guerra e o choque nos preços do petróleo. No acumulado em 12 meses, o índice acelerou de 4,14% para 4,39%, voltando a se aproximar do teto da meta (4,50%).

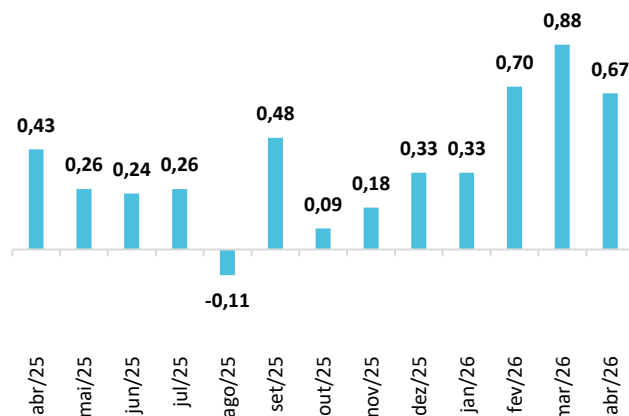
Todos os nove grupos apurados pelo IBGE registraram variação positiva no mês. A maior alta foi observada no grupo alimentação e bebidas (+1,34%), impulsionado sobretudo pelos itens *in natura*, como no caso dos tubérculos e legumes (+8,45%) e hortaliças (+2,73%), além das elevações de itens como leite e derivados (+5,95%) e carnes (+1,59%). Na sequência, destacou-se o grupo saúde e cuidados pessoais (+1,16%), refletindo, em parte, o reajuste de até 3,81% no preço dos medicamentos, válido desde 1º de abril. O grupo transportes, por sua vez, ficou praticamente estável em abril (+0,06%), pressionado, como esperado, pelos preços dos combustíveis (+1,80%), como o óleo diesel (+4,46%) e a gasolina (+1,86%); mas compensado pela expressiva queda das passagens aéreas (-14,45%), que devolveu parte da alta acumulada nos meses de fevereiro e março (+18,2%).

Assim, a aceleração do IPCA no acumulado em 12 meses é explicada principalmente pela alimentação no domicílio, cuja variação passou de 0,51% para 1,32%, ainda em baixo patamar, e pelos itens monitorados, que atingiram alta de 6,12% (ante 5,44%). A inflação dos bens industriais, por sua vez, ficou relativamente estável, em 2,41% (ante 2,39%), assim como a média dos núcleos, que permaneceu em 4,38%. Apenas o núcleo dos serviços desacelerou no mês, para 5,25% (ante 5,34%), embora ainda em alto patamar.

Portanto, o IPCA voltou a trazer uma leitura pressionada em abril, especialmente nos itens mais afetados pelo conflito no Oriente Médio. Ao mesmo tempo, a média dos núcleos passou a indicar sinais de estabilização, ainda em patamar significativamente acima da meta. Assim, a tendência é que a inflação permaneça elevada ao longo do ano, aproximando-se do patamar de 5,0%. Como ponto positivo, a taxa de câmbio tem se apreciado, contribuindo para conter um repasse ainda mais intenso aos preços. Nesse contexto, o Banco Central deve seguir bastante cauteloso, limitando-se a cortes de 0,25 pp na taxa Selic nas próximas reuniões.

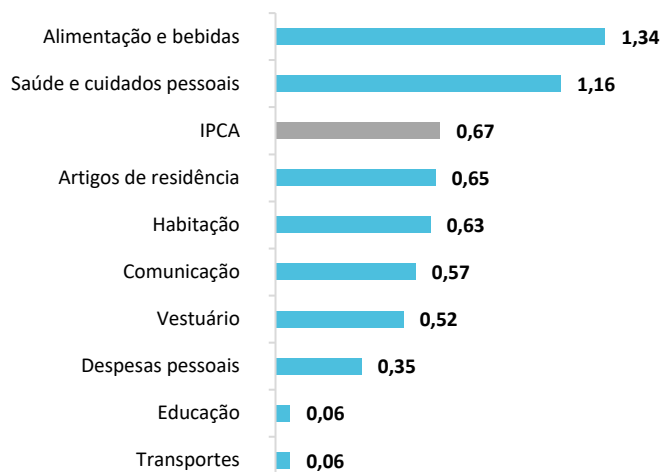
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IPCA
Var. % mensal



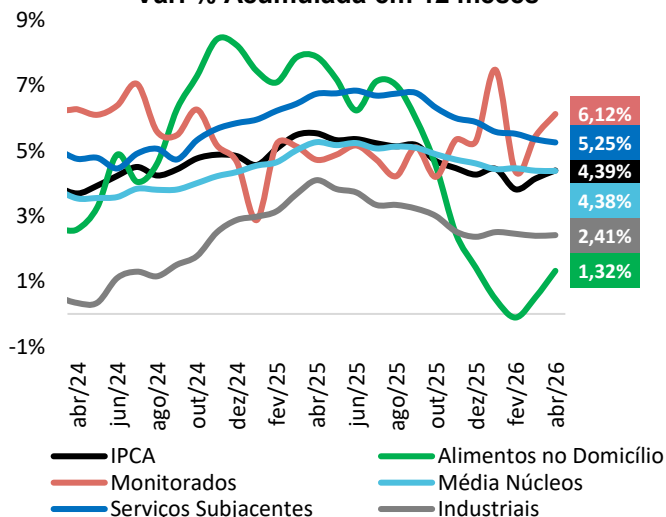
Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA – Por grupos
Var. % em abril



Fonte: IBGE

Quadro 3: IPCA e Aberturas
Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

O varejo e o setor de serviços apresentaram dinâmicas distintas em março e no 1T26. Enquanto o varejo manteve-se resiliente, o setor de serviços mostrou algum enfraquecimento e registrou a primeira queda trimestral desde o 1T23.

O setor de serviços recuou 1,2% em março, segundo a PMS/IBGE, significativamente inferior ao consenso (-0,2%). O resultado reforça a trajetória de perda de dinamismo do setor observada desde nov/25. Com isso, o setor de serviços encerrou o 1T26 com contração de 0,7% em relação ao 4T25. Apesar da sequência negativa na margem, os indicadores ainda permanecem positivos em bases mais longas: avanço de 3,0% na comparação interanual (ante mar/25) e alta acumulada de 2,8% em 12 meses.

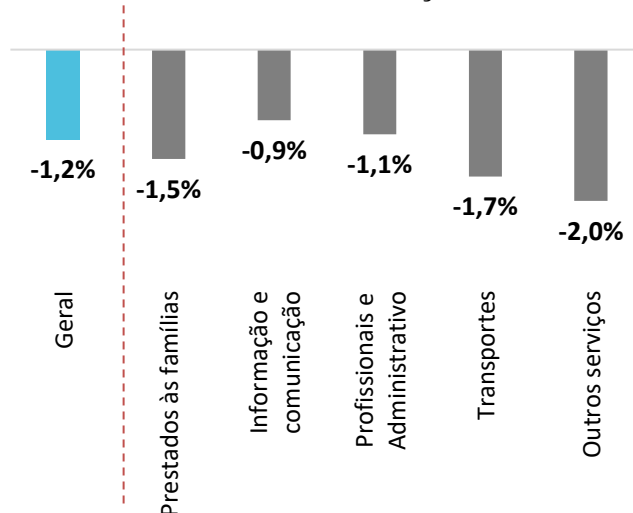
Na abertura setorial, março foi marcado por uma queda disseminada entre suas atividades: serviços prestados às famílias (-1,5%), profissionais e administrativos (-1,1%), transportes (-1,7%), informação e comunicação (-0,9%) e outros (-2,0%). A elevada difusão de resultados negativos no mês reforça a necessidade de monitoramento, tendo em vista a relevância do setor tanto para a atividade quanto para o mercado de trabalho.

No recorte trimestral, o cenário foi menos negativo, com a contração concentrada em transportes (-2,4%) e em serviços profissionais e administrativos (-1,0%). Em contrapartida, o segmento de informação e comunicação, que vem apresentando dinamismo relevante, cresceu 2,5% no período, mitigando uma queda mais acentuada do índice agregado. Os serviços prestados às famílias (+0,3%) também tiveram desempenho positivo, embora com alta de menor magnitude.

Por outro lado, a leitura da PMC de março, também divulgada pelo IBGE, reforçou o dinamismo do varejo ao registrar crescimento de 0,3% no mês, acima do consenso de mercado (+0,1%). Com isso, o setor encerrou o 1T26 com expansão de 1,3% em relação ao 4T25, mantendo a trajetória positiva observada no trimestre anterior (+1,6%). No conceito restrito, que exclui veículos e materiais de construção, o avanço foi de 1,2% no trimestre, próximo ao registrado no 4º trimestre de 2025 (+1,1%).

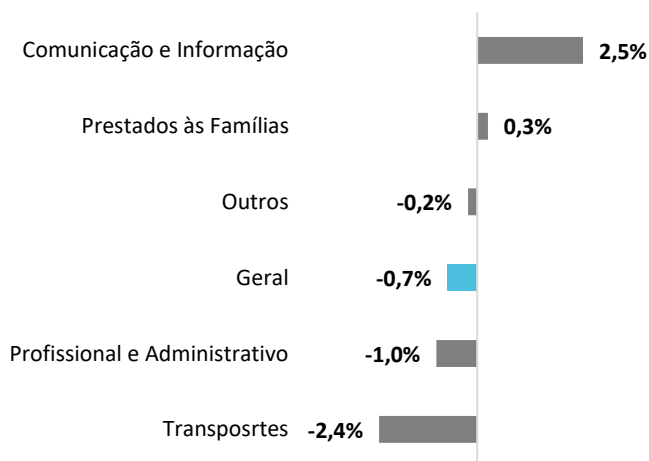
Na abertura setorial, os principais vetores de crescimento no trimestre foram as vendas de combustíveis (+1,9%), hiper/supermercados (+0,8%), veículos (+2,0%) e materiais de construção (+2,1%). Por outro lado, apenas três segmentos registraram retração: móveis e eletrodomésticos (-0,4%), que apresentou a primeira queda desde o 1T24; livros e jornais (-2,5%), que manteve trajetória negativa; e equipamentos e materiais de escritório (-3,9%), após alta expressiva de 11,7% no 4T25, sugerindo alguma acomodação no período.

Quadro 4: Setor de Serviços – Por Atividade
Var. % em Março



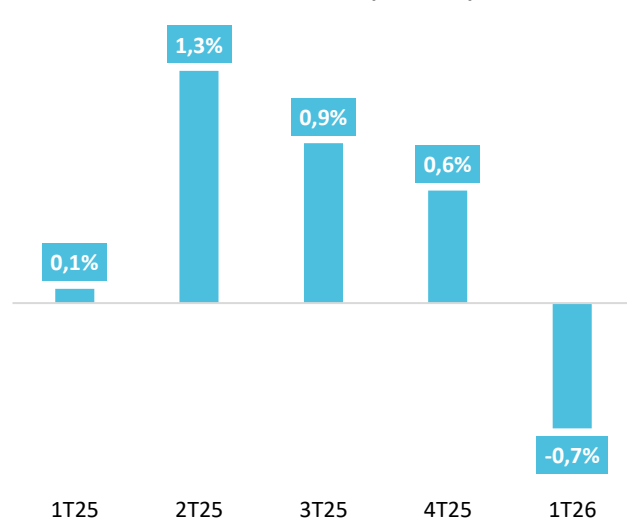
Fonte: IBGE

Quadro 5: Setor de Serviços – Por Atividade
Var. % no 1T26



Fonte: IBGE

Quadro 6: Setor de Serviços
Var % Trimestral (Dessaz)



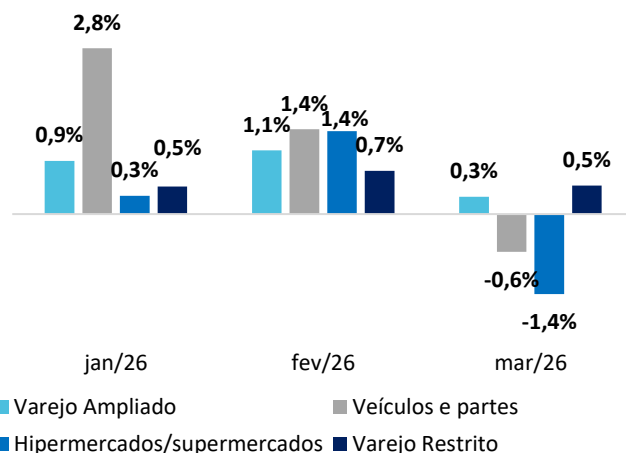
Fonte: IBGE

Apesar do resultado positivo no agregado, a divulgação também apresentou alguns indícios pontuais de acomodação em março. O segmento de supermercados recuou 1,2% no mês, assim como o setor de veículos (-0,6%). Ainda que o quadro geral siga favorável, os dados reforçam a necessidade de monitoramento dos segmentos mais sensíveis ao crédito, como móveis e eletrodomésticos, veículos e materiais de construção, para avaliar a sustentabilidade do dinamismo à frente.

O bom desempenho no início do ano gera um *carry-over* de 2,3% para o varejo ampliado em 2026, sinalizando um cenário de atividade ainda robusta, em contraste com a virtual estagnação observada em 2025, quando o resultado foi pressionado pelo desempenho negativo do segmento de veículos.

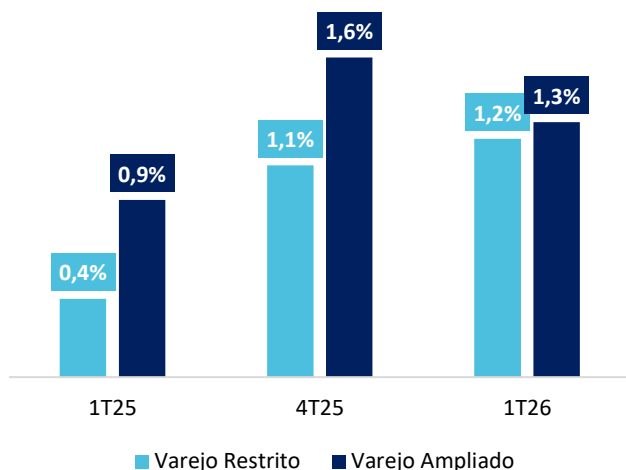
Portanto, em um contexto de arrefecimento em outros segmentos da atividade, particularmente na indústria e nos serviços, o varejo seguiu como destaque, impulsionado pelo avanço da renda das famílias. Adicionalmente, em conjunto, os resultados indicam uma atividade ainda em expansão, sustentada pela força do consumo das famílias.

**Quadro 7: Resultado do Varejo
Var % Mensal (Dessaz)**



Fonte: IBGE

**Quadro 8: Resultado do Varejo
Var % Trimestral (Dessaz)**



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

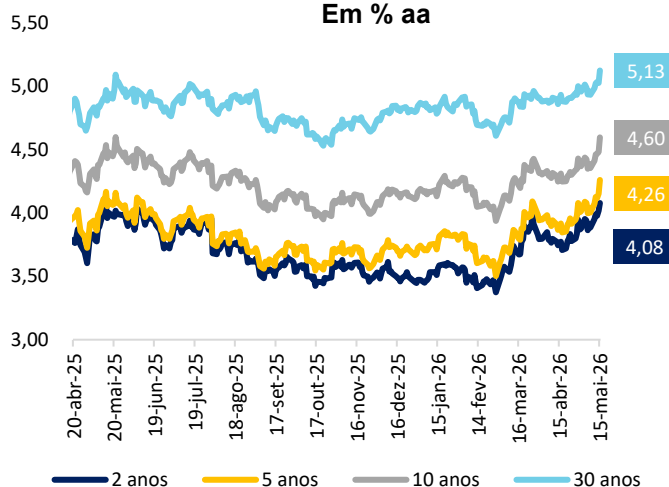
Inflação pressionada e ausência de acordo entre EUA e Irã elevam os juros globais

No cenário internacional, a semana foi marcada pelo impasse nas negociações entre os EUA e o Irã sobre o conflito no Oriente Médio, além da visita do presidente norte-americano, Donald Trump, ao seu homólogo chinês, Xi Jinping. Em relação à guerra, Trump declarou ser inadmissível a contra proposta do Irã para o seu encerramento e cogitou retomar os ataques na região. Com isso, o preço do petróleo voltou a subir, fechando a semana pouco abaixo de US\$ 110 por barril (tipo Brent). Na China, o encontro entre Xi Jinping e Trump acabou sem grandes novidades. Um dos destaques do encontro foi a provocação do presidente chinês que questionou Trump se seria possível os países evitarem um confronto (chamado na literatura de “armadilha de Tucídides”) e adotarem uma postura mais cooperativa.

Entre os indicadores econômicos, os dados de inflação (CPI e PPI) dos EUA voltaram a trazer números elevados em abril, pressionando os juros futuros. A inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,6% no mês, em linha com o esperado e ainda impulsionada pelo choque proveniente da guerra, apesar de desacelerar após o avanço ainda mais forte de março (+0,9%). Em abril a alta foi puxada pelos itens de energia, que subiram 3,8% no mês, abaixo do observado em março (+10,9%). Destaque para a gasolina (+5,4%) e a energia elétrica (+2,1%). Em 12 meses, o CPI acelerou de 3,3% para 3,8%, maior nível desde abr/24 (+3,4%). Já o núcleo do CPI, que exclui alimentos e energia, subiu 0,4% no mês, acelerando para 2,8% em 12 meses, ante 2,6%. Em relação aos preços ao produtor, o índice PPI subiu 1,4% no mês, bem acima do esperado (+0,5%) e o maior valor para um mês desde mar/22 (+1,2%), início da guerra da Ucrânia. Os preços dos bens subiram 2,0% impulsionados pelo aumento da gasolina, enquanto a alta dos serviços foi mais contida (+1,2%), mas também elevada. No acumulado em 12 meses, o índice acelerou de 4,3% para 6,0%, com o núcleo do indicador também bastante pressionado (+5,2%; ante +4,0%). Com isso, os rendimentos das *Treasuries* fecharam a semana em alta, com o título de 10 anos atingindo seu maior valor (4,60% aa) nos últimos 12 meses.

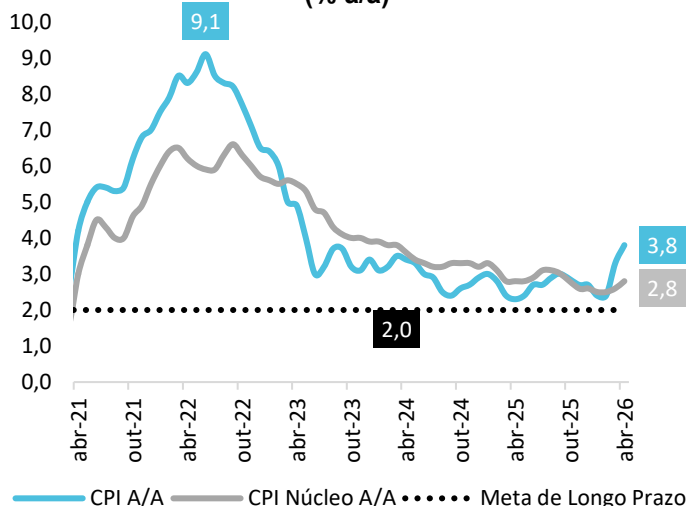
Na China, os indicadores de inflação também mostraram os efeitos do choque causado pela guerra, retirando os indicadores do terreno deflacionário. O CPI de abril acelerou para 1,2% nos últimos 12 meses (ante 1,0%) e acima do consenso (+0,9%). No caso do PPI, a aceleração foi ainda mais acentuada, passando de 0,5% para 2,8%, após permanecer em terreno deflacionário por mais de três anos (entre out/22 a fev/26).

Quadro 9: EUA – Rendimentos das *Treasuries*
Em % aa



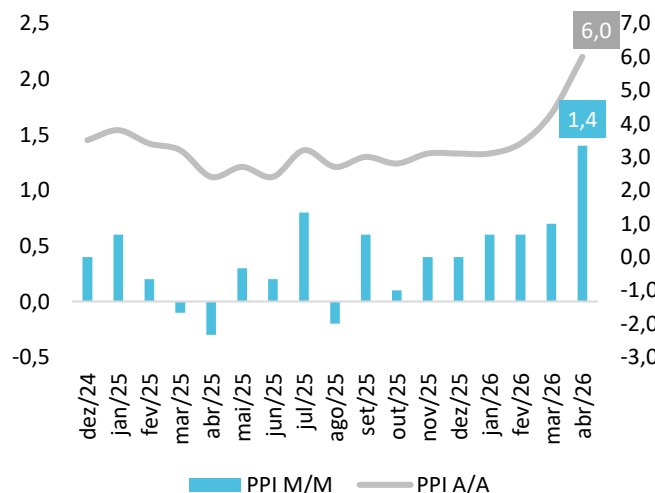
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – CPI e Núcleo do CPI
(% a/a)



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: EUA – PPI
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Crescimento esperado para o saldo de crédito sobe para 8,8% em 2026

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 20 bancos entre 06 e 11 de maio, elevou a expectativa de crescimento da carteira de crédito total de 2026 para 8,8% (ante 8,6% na pesquisa anterior). O resultado reflete os números recentes do segmento, que mostram que o mercado de crédito segue com alto nível de crescimento, de 9,7%, segundo os dados oficiais do BC referentes ao mês de março.

Entre as aberturas, esse aumento decorre do maior crescimento esperado para a carteira direcionada, cuja projeção passou de 10,0% para 10,5%. Houve elevação tanto na expectativa de crescimento da carteira PF Direcionada (de 9,1% para 9,3%), mas principalmente PJ Direcionada (de 11,1% para 12,1%), que segue sustentada pelos programas governamentais e linhas com recursos do BNDES, beneficiadas por aportes em fundos garantidores e novos programas para públicos específicos.

A projeção de crescimento da carteira livre caiu de 8,0% para 7,8%, em função da menor expansão esperada do crédito PJ Livre, que caiu de 5,3% para 4,8%. Essa carteira segue mostrando números mais contidos, em função da concorrência com o mercado de capitais e das linhas com recursos direcionados. Já a carteira PF Livre deve crescer 9,8% (ante

9,6%), impulsionada pelo avanço da renda das famílias, dada a resiliência do mercado de trabalho.

Quanto à inadimplência da carteira livre, houve nova alta da expectativa para o indicador tanto para 2026: de 5,4% para 5,5%; como para 2027 (de 5,2% para 5,3%), mostrando que o cenário ainda exige certa cautela.

A expectativa de crescimento da carteira total para 2027, por sua vez, mostrou ligeira queda, para 7,7% (ante 7,8%), também em função do menor crescimento esperado para a carteira livre (de 7,5% para 7,1%), enquanto a projeção para a carteira direcionada voltou a aumentar (de 8,4% para 8,5%).

Portanto, o resultado da Pesquisa voltou a elevar a expectativa para o crescimento do mercado de crédito neste ano, em um contexto de elevado crescimento das carteiras Livre PF e Direcionada PJ. Esse dinamismo reflete, no caso do primeiro, o mercado de trabalho ainda aquecido, que segue sustentando a expansão das linhas mais voltadas para o consumo; e, no caso do segundo, os estímulos governamentais, com novos programas públicos sendo lançados neste ano. Isto indica que o crédito deve seguir com bom ritmo de crescimento e com uma desaceleração gradual ao longo do ano.

O Quadro 12 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 12: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2026		2027	
	Pesquisa Mar/26	Pesquisa Mai/26	Pesquisa Mar/26	Pesquisa Mai/26
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,6	8,8	7,8	7,7
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,0	7,8	7,5	7,1
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	5,3	4,8	6,5	5,4
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,6	9,8	8,5	8,5
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	10,0	10,5	8,4	8,5
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	11,1	12,1	8,8	9,5
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,1	9,3	7,9	7,8
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	5,4	5,5	5,2	5,3

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

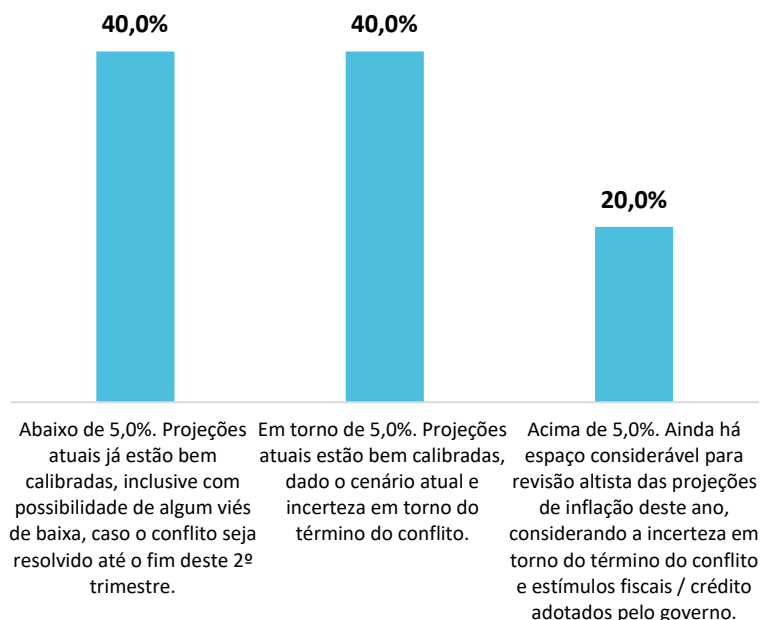
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa de Economia Bancária e Expectativas da Febraban foram:

- É quase unânime (95%), a avaliação de que a decisão do Copom de reduzir a taxa Selic em 0,25 pp foi adequada, apesar da piora do cenário inflacionário em função do conflito no Oriente Médio. Contudo, a expectativa é de um “ciclo de calibração monetária” bastante gradual, com cortes de 0,25 pp nas próximas reuniões, encerrando o ano com a taxa Selic acima de 13% aa, nível superior ao captado na pesquisa anterior.
- Para 60% dos participantes, a retomada da atividade no 1T26 foi pontual, com expectativa de acomodação da economia ao longo do ano, favorecendo a convergência da inflação para a meta. Para 30%, por outro lado, essa retomada pode sustentar as pressões inflacionárias e exigir uma Selic mais elevada do que o esperado.
- Nesse contexto, as projeções de expansão do PIB para 2026 possuem viés de alta. A parcela dos participantes que espera expansão de 1,8% (atual consenso) subiu de 28% (na pesquisa de março) para 40% na pesquisa atual, assim como

daqueles que projetam um crescimento acima deste nível (de 33% para 35%). Por outro lado, caiu a proporção dos que esperam um crescimento mais modesto no ano (de 38% para 25%).

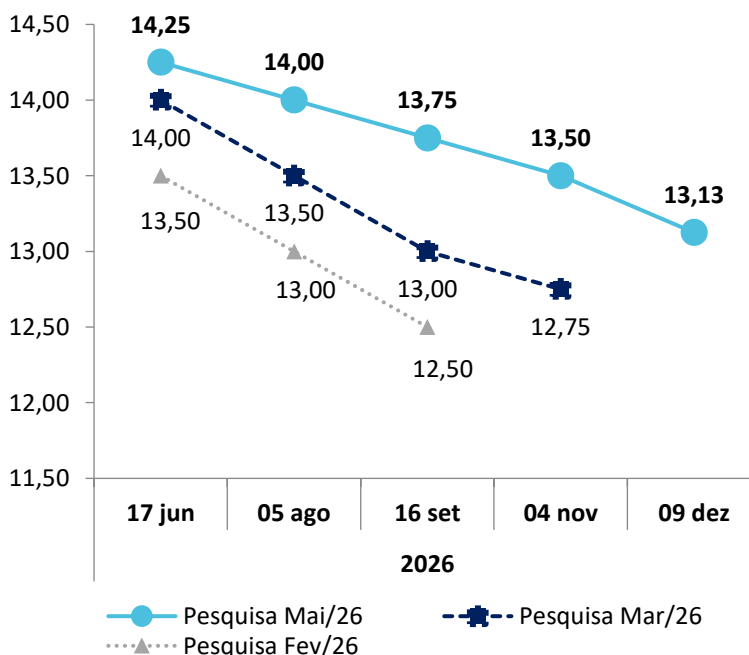
- Em relação à inflação, há divisão entre os participantes: 40% projetam o IPCA em torno de 5% ao fim do ano, enquanto outros 40% esperam resultado ligeiramente inferior, com viés de baixa caso o conflito no Oriente Médio seja resolvido ainda neste 2º trimestre.
- Em relação à inadimplência das famílias, aumentou a proporção de participantes (75%, ante 61,9% na pesquisa anterior) que acreditam em estabilização do indicador no curto prazo, ainda que em elevado patamar. Ao mesmo tempo, caiu de 33% para 15% a parcela dos que esperam continuidade da alta da inadimplência.
- Nos EUA, a proporção de participantes que esperam a manutenção dos juros pelo Fed ao longo do ano aumentou de 52% (pesquisa de março) para 70%. Por outro lado, apenas 30% (ante 48%) ainda projetam ao menos um corte em 2026.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 13: Expectativa de Inflação para 2026



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 14: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Resultado Corporativo 1º Tri/26 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 3,4 bilhões no 1º trimestre, em linha do esperado (R\$ 3,5 bi). Contudo, o número representa uma queda expressiva no trimestre (-40,2%) e na comparação com o 1T25 (-53,5%). A rentabilidade (ROE) do BB ficou em 7,3%, menor nível desde o início do estresse no setor agropecuário, com queda de 9,4 pp em 12 meses.

O resultado segue pressionado pelo aumento do custo do crédito, que atingiu R\$ 18,9 bi (+5,0% ante o 4T25 e +85,8% ante o 1T25), em meio ao aumento dos pedidos de recuperação judicial e da inadimplência no setor agro. A alta também refletiu os descontos concedidos, que aumentaram em quase 10 vezes na comparação anual, saindo de R\$ 374 mi para R\$ 3,5 bi, em função da cessão de crédito de um caso específico no Atacado. Já a perda esperada subiu 49,9% no período, com forte avanço no segmento PF, que mais do que dobrou no período (+101,6%), em função do aumento da inadimplência em linhas como o cartão de crédito.

A margem financeira bruta subiu 14,8% ante o 1T25, com avanço da margem com o mercado (+26,4%), diante da melhora no mix de *funding*, enquanto a margem com clientes subiu 12,8%, em função do aumento do saldo médio e dos *spreads*. As receitas com prestação de serviços subiram 5,5% no ano, influenciadas pelas receitas com operações de crédito (+52,3%), consórcios (+14,0%) e administração de fundos (+8,6%). Já os gastos operacionais subiram 5,5%, puxados pelas despesas de pessoal (+7,3%). Assim, o índice de eficiência subiu (piorou) de 26,5% no 1T25 para 28,0% no acumulado em 12 meses.

A carteira de crédito ampliada do BB, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,306 tri, com alta de 2,2% em 12 meses. Destaque para o crescimento da carteira PF (+7,8%), influenciada principalmente pelo crescimento do saldo do cartão de crédito (+22,2%) e do consignado privado (+520,2%; que saiu de um saldo de R\$ 1,9 bi no 1T25 para R\$ 11,9 bi), com a nova modalidade “crédito trabalhador”. A carteira do Agronegócio cresceu 3,0% no ano, com destaque para as operações do “Regulariza Agro” (MP 1.314), que já correspondem a quase 10% da carteira do segmento, totalizando R\$ 37,9 bi de saldo no 1T26. Já a carteira PJ registrou queda de 2,4% em 12 meses, impactada pelo segmento de MPMEs (-10,0%), diante da redução da linha de composição de dívida (-35,2%) e do capital de giro (-9,9%).

A inadimplência (acima de 90 dias) ficou em 5,1% no 1T26, praticamente estável ante o trimestre anterior (5,2%), mas com aumento de 1,4 pp em 12 meses. Dentre os segmentos, o ponto de atenção fica por conta das carteiras agro, cujo indicador atingiu 6,2% (ante 2,8% no 1T25 e 6,1% no 4T25), e PF onde a inadimplência ficou em 6,8% (ante 5,1% no 1T25 e 6,6% no 4T25). Na carteira PJ, a inadimplência atingiu 2,9%, com queda de 0,9 pp no ano e no trimestre, após resolução de caso específico no Atacado.

Devido ao cenário desafiador, o BB revisou o *guidance* para 2026 e elevou o intervalo esperado para o custo do crédito para R\$ 65 bi e R\$ 70 bi (ante R\$ 53 bi e R\$ 58 bi), e consequentemente, revisou para baixo a previsão para o lucro líquido, para R\$ 18 bi e R\$ 22 bi (ante R\$ 22 bi e R\$ 26 bi).

Quadro 15: Resultado 1T26 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	1T25	4T25	1T26	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS¹					
Ativo Total	2.420.992	2.451.621	2.606.194	6,3%	7,6%
TVM	522.616	729.784	752.065	3,1%	43,9%
Depósitos	864.972	897.937	934.977	4,1%	8,1%
Patrimônio Líquido	184.189	192.105	194.940	1,5%	5,8%
DRE²					
Margem Financeira Bruta	23.881	27.801	27.426	-1,3%	14,8%
Custo do Crédito	-10.152	-17.959	-18.865	5,0%	85,8%
Despesa de Perda Esperada	-11.067	-19.036	-16.593	-12,8%	49,9%
PDD - Recuperação de Crédito	1.289	1.777	1.232	-30,7%	-4,4%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	8.361	8.835	8.821	-0,2%	5,5%
Despesas Administrativas	-9.496	-9.888	-10.017	1,3%	5,5%
IR/CSLL	-425	1.830	1.101	-39,8%	-359,3%
Lucro Líquido Ajustado	7.374	5.742	3.431	-40,2%	-53,5%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE³					
ROAE	16,7%	12,4%	7,3%	-5,2 pp	-9,4 pp
ROAA	1,2%	0,9%	0,5%	-0,4 pp	-0,7 pp
Índice de eficiência	26,5%	27,7%	28,0%	0,3 pp	1,5 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada⁴	1.277.799	1.296.511	1.305.528	0,7%	2,2%
Interna	1.201.889	1.218.249	1.229.248	0,9%	2,3%
PF	335.806	356.965	361.834	1,4%	7,8%
PJ	459.885	455.150	449.027	-1,3%	-2,4%
Agronegócios	406.198	406.133	418.388	3,0%	3,0%
Externa	75.911	78.262	76.280	-2,5%	0,5%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,8%	1,4%	1,4%	0,1 pp	0,7 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,6%	5,2%	5,0%	-0,1 pp	1,4 pp
Índice de Basileia	14,1%	15,1%	14,2%	-0,9 pp	0,1 pp
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	70,1%	70,6%	69,8%	-0,9 pp	-0,3 pp

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²1T25 segue Res. 4.966/21, valores anteriores seguem regulação até 31/12/24. ³Anualizado ⁴Inclui TVM e garantias.

Resultado Corporativo 1º Tri/26 Caixa Econômica Federal

CRÉDITO / BANCOS

A Caixa Econômica Federal (CEF) registrou lucro líquido contábil de R\$ 3,5 bilhões no 1º trimestre 2026, alta de 38,5% ante o 4T25 e queda de 43,2% em relação ao 1T25. A rentabilidade (ROE), também no conceito contábil, atingiu 9,13% nos últimos 12 meses, com queda de 1,95 pp e 3,44 pp no trimestre e no ano, respectivamente.

A queda do lucro na comparação anual refletiu, em parte, o efeito líquido positivo (R\$ 813 mi) de itens não recorrentes no 1T25, que elevaram a base de comparação. Dentre os itens estão ganhos da Caixa Seguridade e benefícios de avaliação atuarial. Sem este efeito, a queda seria de 34,4%. Além do efeito não recorrente, a queda do lucro é explicada também pelo forte avanço (+211,5%) das provisões para devedores duvidosos (PDD), que atingiram R\$ 6,5 bi no trimestre, impactada pela adoção da Resolução CMN nº 4.966/21 no início de 2025 e o aumento da inadimplência. Do lado das receitas, a margem financeira avançou 11,8%, enquanto a receita com prestação de serviços subiu 12,5%, com os maiores ganhos vindos de serviços ao governo (+27,3%) e cartões (+19,9%). As despesas administrativas, por sua vez, subiram 6,0%, com crescimentos similares das despesas de pessoal (+6,1%) e demais despesas (+5,7%).

A carteira de crédito da CEF avançou 11,3% em 12 meses, atingindo um saldo de R\$ 1,410 trilhão. A expansão foi puxada pelo crédito imobiliário (+13,9%), linha mais relevante da instituição (68,5% do total) e que é líder de mercado (68,0%). O avanço da carteira habitacional segue impulsionado pelos empréstimos com recursos do FGTS (+17,1%), enquanto as linhas com recursos da poupança subiram em ritmo menor (+9,1%). A carteira de crédito comercial registrou expansão de 9,7%, com alta tanto na carteira destinada às famílias (+10,4%) como para as empresas (+8,8%). Já a carteira do agronegócio, que em 2024 chegou a crescer acima de 20%, ficou praticamente estável em 12 meses (+2,2%), em função da crise no setor (altos níveis de inadimplência e pedidos de RJ).

A inadimplência da carteira total (acima de 90 dias) atingiu 3,7%, alta de 0,6 pp no trimestre e de 1,2 pp no ano. Na comparação anual, a piora foi puxada, especialmente, pela carteira agro, cujo indicador subiu 14,0 pp, para 18,3%. A inadimplência da carteira comercial também segue com tendência de alta (+2,5 pp, para 9,3%), com piora mais intensa na carteira PJ (+3,9 pp, para 13,2%), mas também com elevação em PF (+1,3 pp, para 6,1%). No habitacional, a inadimplência ficou praticamente estável (+0,2 pp, para 1,6%).

Em relação às fontes de *funding*, a CEF segue com forte crescimento (+24,6%) na captação via Letras de Crédito Imobiliário (LCIs), que atingiram um saldo de R\$ 265,6 bi, representando cerca de 2/3 do saldo que a IF possui em caderneta de poupança (R\$ 392,4 bi), cujo crescimento foi de apenas 3,4% em 12 meses.

Quadro 16: CEF – Itens de Resultado

Itens de resultado (R\$ milhões)	1T26	4T25	Δ%	1T25	Δ%
Lucro líquido contábil	3.469	2.504	38,5	6.101	-43,2
Lucro líquido recorrente	3.469	2.767	25,4	5.289	-34,4
Resultado operacional	2.660	2.546	4,5	7.822	-66,0
Margem financeira	18.280	17.543	4,2	16.351	11,8
Provisão para créditos de liquidação duvidosa (PCLD)	(6.518)	(5.356)	21,7	(2.093)	211,5
Resultado bruto da intermediação financeira	11.762	12.188	-3,5	14.259	-17,5
Receita com prestação de serviços ¹	7.355	7.498	-1,9	6.535	12,5
Despesas administrativas	(11.511)	(12.767)	-9,8	(10.861)	6,0
Despesas de pessoal	(8.018)	(8.672)	-7,5	(7.556)	6,1
Outras despesas administrativas	(3.493)	(4.095)	-14,7	(3.305)	5,7

Quadro 17: CEF – Carteira de Crédito Ampliada

Valor em R\$ milhões	Mar26	Dez25	Δ%	Mar25	Δ%
Imobiliário	966.163	938.028	3,0	848.608	13,9
Crédito comercial	269.210	266.721	0,9	245.345	9,7
Pessoas físicas	154.900	151.988	1,9	140.270	10,4
Pessoas jurídicas	114.310	114.734	-0,4	105.076	8,8
Saneamento e infraestrutura	109.805	110.225	-0,4	109.220	0,5
Agronegócio	64.912	62.919	3,2	63.537	2,2
Carteira total	1.410.090	1.377.893	2,3	1.266.710	11,3

Fonte: RI CEF.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	15/05/26	08/05/26	17/04/26	Viés	15/05/26	08/05/26	17/04/26	Viés
IPCA (%)	4,92	4,91	4,80	▲	4,00	4,00	3,99	↔
PIB (% de crescimento)	1,85	1,85	1,86	↔	1,77	1,76	1,80	▲
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	13,25	13,00	13,00	▲	11,25	11,25	11,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,30	↔	5,27	5,30	5,35	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	15/05/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,06	3,41%	-2,41%	-7,66%	-11,04%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	129,66	3,50%	-7,23%	-6,38%	-22,26%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,38	0,00%	-1,79%	-3,48%	-2,01%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,21	2,28%	1,65%	2,90%	-3,19%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,26	4,70%	3,00%	5,81%	3,22%
Índice Ibovespa (em pontos)	177.283,83	-3,71%	-5,43%	10,03%	27,24%
IFNC (setor financeiro)	17.956,18	-5,12%	-7,02%	3,82%	12,32%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,07	4,74%	7,27%	17,99%	2,72%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,59	5,50%	6,41%	11,44%	3,65%
Dollar Index	99,28	1,41%	-0,68%	1,06%	-1,58%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.408,50	0,13%	13,48%	7,43%	25,21%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	162,80	-1,80%	5,50%	-1,66%	24,66%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	129,91	-4,09%	2,78%	3,71%	11,30%
Índice Euro Stoxx 50	5.827,76	-1,42%	4,63%	0,54%	7,68%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	261,95	-0,95%	9,65%	-0,70%	29,91%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	109,26	7,87%	-7,68%	76,45%	69,32%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins